



São cerca de 70 os alunos surdos da "escola" gerida pela Fundação para o Desenvolvimento



## Como a surdez deixou de ser sinónimo de exclusão em São Tomé

**Cooperação.** Presidente da República chega hoje a São Tomé para uma visita de três dias. O DN foi ver os projetos que Marcelo irá visitar

PAULO TAVARES  
em São Tomé

A sala de aula recebe-nos de pé – uns 30 e poucos alunos, sobretudo adolescentes –, com os braços no ar e as mãos a abanar de um lado para o outro. É como se diz “olá” em língua gestual de São Tomé e Príncipe. O gesto é bem mais efusivo do que o português, em que só usa uma mão ao nível do peito, mas talvez todo aquele entusiasmo não seja pormenor de dicionário ou de tradução, mas antes a felicidade de boa parte dos alunos mais velhos em reverem uma antiga professora.

Ana Mineiro andou por aqui entre 2013 e 2014, a coordenar a produção do primeiro dicionário da língua gestual de São Tomé e Príncipe. “Já nem os conhecia, cresceram tanto!”, dizia enquanto se ia despedindo dos alunos mais velhos, sentados nas filas de trás. Se esta curta visita serviu para alguma coisa foi para sinalizar a necessidade de uma segunda edição do dicionário. “Já falam correntemente. Nem eu reconheço alguns dos gestos que estão a utilizar. Em dois anos e tal a língua evoluiu e temos de começar a pensar numa segunda edição.”

Estamos num primeiro andar de um edifício meio destruído e meio em obras. Não há energia elétrica – os geradores são caros – e respira-se o ar quente e denso de um início de tarde nos arredores da cidade de São Tomé. Esta sala de aula quase improvisada, no bairro Bom-Bom

na zona da Trindade, é uma das faces visíveis de um projeto absolutamente inovador em África, quer no diagnóstico de taxas de surdez, muito mais elevadas do que no resto do mundo, quer no ensino e na integração de jovens e crianças surdas.

Avelino do Espírito Santo, responsável da Fundação para o Desenvolvimento, a instituição que gere esta “escola”, conta que tem cerca de 70 alunos inscritos, jovens que vão conseguir escapar a um destino quase certo. Não há muitos anos, antes deste projeto, não havia grande futuro para uma criança que nascesse surda. “Normalmente eram relegados aos quatro cantos da casa, ou ficavam no quintal a fazer serviços de casa. A grande maioria era considerada como pessoas que não tinham capacidade.” Toda uma diferença em relação ao grupo que nos vai acompanhando com olhos atentos, que já “falam” língua gestual são-tomense e que, aqui, nesta sala sem luz, vão aprendendo teatro e outras armas para, um dia, tentarem a entrada no ensino técnico-profissional.

Sáimos do bairro Bom-Bom – uma zona pobre, com as tradicionais casas sobre estacas, construídas com tábuas de madeira sem pinga de tinta e folgas por onde passa qualquer bicho – deixando para trás uma turma inteira pendurada sobre um computador portátil. Curiosidade imensa. É uma ferramenta de aprendizagem que seria útil, mas que nunca ali entrou por uma simples razão: não têm eletricidade, nem rede, nem gerador.

Chegamos passados uns minutos de viagem ao Hospital Ayres de Menezes, o hospital central de São Tomé, numa colina sobre a baía Ana Chaves e a cidade. Somos guiados pelo diretor-geral da unidade e pelo presidente do Instituto Marquês de Valle Flôr. Percorremos os serviços de imagiologia, otorrino e oftalmologia – todos com capacidade de telemedicina, que permite consultas e exames em tempo real com pacientes em São Tomé e médicos em Lisboa – e ainda os blocos de cirurgia. Este é, por estes dias, o rosto mais concreto do projeto Saúde para Todos, que junta desde 1988 o IMVE, a Fundação Gulbenkian, a DGS de Portugal e a UE. O programa começou numa altura em que não existiam sequer médicos especialistas em São Tomé e conseguiu, no essencial, moldar todo o sistema de saúde do país. O último episódio deste projeto, contado em pleno bloco operatório à espera de inauguração, é curioso. São Tomé trocou a cooperação taiwanesa pela colaboração com a China na passagem de 2016 para 2017. De 31 de dezembro para 1 de janeiro, os técnicos de Taiwan saíram do país, deixaram para trás uma série de equipamentos altamente evoluídos e um grande problema: todos os sistemas “falavam” mandarim. A adaptação foi feita por técnicos portugueses, tudo está já operacional e em português e só falta inaugurar o bloco. É “a grande vantagem da cooperação com Portugal, a língua”, confessou Celso Junqueira, o diretor do hospital.

## CUF melhora a saúde auditiva na ilha há sete anos

**MISSÕES Profissionais** portugueses detetaram uma grande incidência de surdez infantil quando chegaram ao arquipélago

Vinte e quatro missões, mais de mil rastreios e mais de 500 cirurgias. É este o balanço das missões de otorrinolaringologia realizadas pela equipa de médicos, técnicos, enfermeiros, audiologistas e terapeutas do Hospital CUF Infante Santo em São Tomé e Príncipe nos últimos sete anos. Resultados que serão apresentados hoje ao presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, durante a sua visita ao país.

O Presidente participará num encontro no qual será apresentada a intervenção do Instituto Marquês de Valle Flôr – organização não governamental para o desenvolvimento – no país, através do programa Saúde para Todos, com o qual o Hospital CUF Infante Santo colabora para a melhoria da saúde auditiva da população local.

“O que fazemos é lusofonia pura. É uma oportunidade única. Vimos *pro bono* e ficamos muito contentes por ter o Presidente cá a ver o que fazemos”, disse ao DN João Paço, diretor clínico e coordenador do Centro de Otorrinolaringologia do Hospital CUF Infante Santo. Em cada missão, a equipa realiza cem a 150 consultas, podendo chegar às 200, e entre 25 e 30 cirurgias. Uma iniciativa de “extrema importância”, pois permite “diagnosticar problemas que não estavam identificados e tratados”, bem como “evitar que muitas pessoas tenham de se deslocar a Portugal para ser tratadas”. Com três a quatro missões por ano, João Paço diz que “são aproximadamente cem pessoas que não precisam de se deslocar” ao nosso país para cirurgia.

Ao longo destes sete anos, a equipa da CUF teve a oportunidade de “conhecer melhor a realidade são-

**Existem apenas dois otorrinos cubanos a trabalhar em São Tomé e Príncipe mas não realizam cirurgias**



João Paço presta trabalho gratuito em São Tomé há sete anos

-tomense, identificar pontos críticos e manter uma assistência regular”. Além das viagens a São Tomé, existe um comunicação semanal, feita por teleconferência, através da qual os profissionais de saúde portugueses ajudam a resolver casos no país. “Temos dois jovens médicos treinados para endoscopias, que nos apresentam os casos clínicos e os exames. Nós damos sugestões do que devem fazer. Isto permite resolver muitos casos, acompanhá-los e selecionar outros para fazer cirurgia quando chegamos ao país”, adianta o professor catedrático.

### Elevada surdez infantil

Quando começaram a estudar a audição no arquipélago, os profissionais da CUF detetaram uma grande incidência de surdez infantil. “Identificámos muitas crianças surdas, com um grau de surdez tal que não falavam e não iam à escola”, revela o otorrinolaringologista. Desde que o programa começou, foram colocadas cerca de 80 próteses em São Tomé e Príncipe e, paralelamente, foram desenvolvidos programas de língua gestual que lhes permitiram ir à escola.

O estudo das causas da surdez deu origem ao doutoramento de Cristina Caroça, professora da Nova Medical School, cujos resultados serão também apresentados ao Presidente. “Uma das conclusões a que chegámos foi que todas as crianças surdas eram portadoras de anticorpos contra a rubéola. Eles não tinham a vacina, mas nós fizemos o alerta e já foi introduzida. Estamos à espera que a situação melhore”, adiantou João Paço.

Por estes dias decorrem as Jornadas Luso-São Tomenses de Otorrinolaringologia, com o alto patrocínio do Presidente da República Portuguesa.

JOANA CAPUCHO





Diário de Notícias

**CONFUSÃO NO FESTIVAL DEUSDADO**  
PERCEBEU ERRO, "MAS NÃO HAVIA TEMPO PARA RECONTAR TUDO" PÁG. 29

**MIGUEL GUEDES OS BLIND**  
ZERO ATRAVESSARAM "A CRISE DA MEIA-IDADE" PÁG. 28



TERÇA-FEIRA | 20.2.18 | WWW.DN.PT

Ano 154.º N.º 54 362 1,20 euros  
 Diretor Paulo Baldaia Diretor adjunto Paulo Tavares  
 Subdiretores Joana Petiz e Leonídio Paulo Ferreira  
 Diretor de arte Pedro Fernandes



**DOUTOR GUTERRES**  
 APRENDER A APRENDER, DISSE ELE, EM VEZ DE MARRAR NAS SEBENTAS

PÁGS. 6 E 7

**SANTANA LOPES**  
 "TENCIONO ESTAR PRESENTE E AJUDAR NO TRABALHO DO PARTIDO"

PÁGS. 4 E 5

**SEGURANÇA**  
 Nove torres da prisão de Lisboa sem vigilância 14 horas por dia

PÁG. 10

**RUI BENTO, UBER**  
 "Esperamos que o processo legislativo seja breve e crie quadro inclusivo da nova mobilidade"

PÁGS. 12 E 13



**VISITA DE MARCELO**  
 Surdez deixou de ser sinónimo de exclusão em São Tomé

PÁG. 9

# Fisco vai enviar senhas para obrigar todos os contribuintes a entregar IRS pela internet

**Impostos.** No ano passado ainda houve 280 mil declarações em papel, mas a partir de agora os 5,6 milhões de contribuintes têm de entregar IRS por via eletrónica. Quem não tem senha para entrar no *site* das Finanças vai recebê-la nos próximos dias e haverá postos de apoio nas repartições para quem precisa de ajuda na entrega. PÁG. 16

euro milhões

ESTA TERÇA O QUE FARIA COM

**€160 milhões**

JOGOS SANTIAGA

18 Proibido jogar a menos de 18 anos. L. Jogos de Azar 808/2013 (Rev. 14 de 2014). Os prémios atribuídos de valor superior a €5.000 estão sujeitos a imposto do selo a taxa legal de 20%, nos termos da legislação em vigor.